



CORPO CELEBRADO SE BEM-AFORTUNA: SABERES POLÍTICO-SOCIAIS E RELIGIOSOS EM CAROLINA MARIA DE JESUS

BODY CELEBRATED IS GOOD FORTUNE: POLITICAL, SOCIAL AND RELIGIOUS KNOWLEDGE IN CAROLINA MARIA DE JESUS

Gabriel Henrique Camilo ¹


Resumo: O presente artigo abordará a condição social, a situação política no Brasil, os debates étnicos e identitários e o casamento (enquanto instituição social e religiosa), do mesmo modo que se percebe criticamente a representação do corpo inserido nesses contextos, a partir das obras de Carolina de Jesus em análise, de modo que os textos literários discutidos aparecem dispostos a seguir: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), publicado como obra de estreia da autora em 1960, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da Fome* (1963), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (2007). Há diálogo com a fortuna crítica da autora.

Palavras-chave: Literatura. Narrativa Afro-brasileira. Religiosidade.

Abstract: This article approaches the social condition, the political situation in Brazil, the ethnic and identity debates and marriage (as a social and religious institution), in the same way that the representation of the body inserted in these contexts is critically perceived, based on the works by Carolina de Jesus under analysis, so that the literary texts discussed appear as follows: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), published as the author's debut work in 1960, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da Fome* (1963), *Provérbios* (1963) and *Diário de Bitita* (2007). There is a dialogue with the author's critical fortune.

Keywords: Literature. Afro-Brazilian Narrative. Religiosity.

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em Letras pela UEL. Licenciado em Artes Visuais e graduado em Letras Vernáculas e Clássicas pela UEL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8198244621883264>. E-mail: gabrielcmilo@outlook.com



Introdução

Iniciando essa discussão pela breve apresentação das obras que serão analisadas no artigo, parte-se da menção ao primeiro texto publicado pela autora, *Quarto de Despejo* (2014), sendo este um sucesso mercadológico, inclusive nos últimos anos, e de fortuna crítica.

O livro de estreia reuniu um número próximo a vinte diários, com voz narrativa em primeira pessoa das vivências da autora na favela do Canindé, em São Paulo, e teve tradução para treze idiomas pelo mundo e no Brasil atingiu o número de mais de 100 mil exemplares. Os relatos transitam entre as datas de 15 de julho de 1955 e 1 de janeiro de 1960, possuindo as marcações temporais e os registros de nomes dos moradores da comunidade em que Carolina viveu, bem como a menção formal às outras pessoas que cruzavam por sua rotina.

A obra *Casa de Alvenaria* (1961), segunda publicação de Carolina de Jesus, apresenta a data inicial de 5 de maio de 1960, quatro meses após o término de *Quarto de Despejo* (2014). Da mesma maneira que a produção anterior, a narrativa ocorre em primeira pessoa e autobiográfica registrada em diários, e nesse novo contexto, com os percursos na ambicionada casa de alvenaria, e não no espaço da comunidade do Canindé, bem como a presença cotidiana da vida da autora póstuma ao sucesso mercadológico da referida primeira publicação.

Nota-se o tom autobiográfico nas duas primeiras obras, mas há ademais a ficcionalização, bem como nas posteriores, ou seja, são empregados esses dois métodos. Já em seu terceiro livro publicado, ocorre o afastamento de um tom autobiográfico para encontrar uma maior denominação do ficcional.

Em *Pedaços da fome* (1963), tem-se o romance, após a autora adquirir reconhecimento internacional por seu trabalho. Essa narrativa, em terceira pessoa, constrói uma protagonista aristocrata, com etnia branca e de alta classe social, a personagem Clara Fagundes, membro da família do coronel Fagundes. Apresenta-se o Brasil no início da década de 60, e com a história do casamento pautado em inverdades, mantido por sete anos e com muitos filhos, tendo como deslocamento espacial o interior e os diversos locais de ocupação na metrópole São Paulo.

A obra *Provérbios* (1963), quarto e último livro publicado em vida pela autora, retoma e sintetiza por meio de diversos provérbios, tal o título do texto, da mesma maneira que antecipa ao leitor, os pensamentos variados da ideologia pessoal da voz que narra, de modo semelhante ao percurso utilizado pelo texto autobiográfico para se expressar nas escritas anteriores.

A mencionada publicação não está voltada unicamente para a presença de um testemunho em registro literário da vivência com profundidade ou extensão discursiva, mas fundamentalmente, tem-se um elaborador de sentidos no campo das artes escritas que se realiza pela ilustração (dissertativa, e não necessariamente visual) daquilo vivido e resultante nas experiências e ideologias registradas: com essa pesquisa voltando-se para a presença da religiosidade, o corpo, a festividade e os demais temas geradores e destacados desde o resumo desse trabalho. Dessa maneira, conclui-se a menção à *Provérbios* (1963), com os respectivos trechos que não se prolongam enquanto argumento dissertativo.

Por fim desse percurso introdutório, tem-se *Diário de Bitita* (1982), publicação póstuma e lançada primeiro em terra francesa, que é sua quinta obra, a terceira autobiográfica, intitulada como “diários”, e narrada em primeira pessoa, e dessa vez, resgatando as suas memórias autobiográficas de infância, em Sacramento (Minas Gerais), e início da vida adulta em São Paulo.

Discussão dos temas geradores nas narrativas autobiográfica e ficcional em Carolina Maria de Jesus

Na primeira narrativa autobiográfica da autora, *Quarto de Despejo* (2014), a data inicial é 15 de julho de 1955 e a narradora apresenta os anseios subjetivos de sua vivência, ao qual se refletem nas mais pertinentes aflições e debates das coletividades: a afetação de uma data festiva; o desejo em presentear o outro; as impossibilidades financeiras de um sistema social incapaz de

permitir que se supram as necessidades mais básicas de sobrevivência e a confirmação de quaisquer embates ideológicos pelo leitor, pois a escolha é entre pagar a comida ou comprar sapatos e não deixar a filha com os pés descalços. O próprio texto entrega a crítica: o custo de vida escraviza os pobres.

A seguir, percebe-se o primeiro trecho da obra, com a discussão encerrada nas poucas possibilidades restantes. Em sua escrita sintética, vê-se os cortes de acordo com sua rotina de coleta de materiais descartados, a força de suas ações, o que não limita a variedade temática e desdobramentos críticos ao mal mais profundo: a fome.

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, 2014, p. 10).

A dinâmica econômica de grupos socialmente menos favorecidos, em especial as comunidades menores ou afastadas de centros metropolitanos, como é exemplo da representação na obra de Carolina de Jesus, até hoje apresenta enlaces que ultrapassam a moeda e o real. Por vezes, a narradora descreve as trocas de produtos ou mão de obra entre os mercadores, cujo é o mecanismo daqueles que estão às margens e precisam se (auto) incluir no sistema, como percebe-se: “Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão”. (JESUS, 2014, p. 10).

Neste aspecto, a temática da obra aparece em convergência com as questões estruturais, de estilo e publicação: nota-se a escrita em diário distinta do romance das classes dominantes, através de uma intimidade cotidiana narrada com suas variações gramaticais e autodidata que ansiava e tinha conhecimento da futura publicação, e essa através de terceiros, como ocorreu pela intervenção e datilografia do jornalista Audálio Dantas, ao visitar a trabalho Canindé no final da década de 50, a comunidade de São Paulo, atual Marginal do Tietê, em que a autora viveu e usou de espaço para a ambientação de seus textos.

As indisposições físicas e mentais oriundas da descrita condição desfavorecida resultante da pobreza, assim como a exaustão pelo excesso de trabalho que diretamente afeta ao corpo desse sujeito, são apresentadas por Carolina em junção às suas crenças pessoais e posicionamento ideológico. Percebe-se um aspecto religioso, pelas benzeções e simpatias, e de intuição subjetiva que responsabiliza as relações pessoais, e evidente, as sociais:

Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. [...] Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (JESUS, 2014, p. 10-11).

Neste ponto de discussão, mesmo que se posicione favorável a aceitar que esteja com “mau olhado”, e se utilize da ideia de direcionar “pragas”, por parte de terceiros, ao pai de santo Zuza, como nota-se: “Eu disse ao Zuza que ele ia sair no jornal. Eu ouvi um senhor dizendo que o Zuza era malandro. Mas foi as pragas das mães que gastaram dinheiro e não ganharam nada que pegou igual o visgo.” (JESUS, 2014, p. 71), a narradora é categórica quanto ao termo “feitiço”, quando usado por outros moradores para retratar intenções mais amplas de atingir ao “outro”; como transformá-lo em animal, descrição presente no texto. Nota-se um dos exemplos no diálogo a seguir: “...A Dona Domingas era quem lavava a roupa da Leila, que lhe obrigou a dormir no chão e lhe dar o leite. Passou a ser a dona da casa. Eu dizia: —Reage, Domingas! —Ela é feiteira, pode botar um feitiço em mim. —Mas o feitiço não existe.” (JESUS, 2014, p. 49). Em consequência, quando terceiros compartilham suas ponderações pessoais quanto ao tema, a autora narra seu posicionamento crítico e ideológico que, por vezes, contradiz as crenças apresentadas, devido ao conhecimento prévio que tem da intimidade deles:

No rio chegou Adair Mathias, lamentando que sua mãe tinha saído, e ela tinha que fazer almoço e lavar roupas. Disse que sua mãe era forte, mas que agora lhe puzeram feitiço. Que o curador disse que era a feitiçeira. Mas o feitiço que invade a família Mathias é o álcool. Esta é a minha opinião (JESUS, 2014, p. 24).

O caráter religioso e das crenças presentes nas obras de Carolina, assim como parte de sua consciência social, são saberes originados na própria família, especialmente pela convivência da autora com o seu avô, como comenta a respeito desse assunto Valério (2020, p. 33):

Convivendo com o avô, Carolina recebe essa formação moral e religiosa, levando-a por toda sua vida: não se deixar dominar por vícios, desenvolver virtudes como o perdão, a honestidade e a caridade e obedecer aos dez mandamentos. Esses valores e ensinamentos refletem-se em sua poética, que, por diversas vezes, serviu para exibir seu lado conservador, religioso e ético.

Este aspecto conservador na narrativa e/ou poética da autora, por vezes evidenciado e destacado pela crítica, seja em decisões estruturais ou discursivas de Carolina, pode ser lido como uma forma desse corpo vivo em se incluir no cenário em que estava presente, político e cultural, pois: “percebemos que no contexto em que Carolina viveu, leu e produziu, o conservadorismo era também uma estratégia para inserir-se nesse mundo poético, masculino e branco” (FERREIRA, 2013, p. 92).

Dessa maneira, entre a representação de masculinidades, por vezes tóxica¹, e as personagens femininas, tem-se a narradora analisando o matrimônio heterossexual, entre o homem e a mulher, tal uma maneira conflituosa, dentro de um contexto social de extrema necessidade: pela presença da fome, a ausência de políticas públicas eficazes direcionadas às famílias, e precariedades de recursos, como o acesso à educação e cultura. Muitas vezes, em acréscimo aos descasos e dificuldades externas sociais, tem-se as individualidades masculinas, não plenamente desvinculadas deste cenário em particular e prejudicial para as relações íntimas, surgindo como um agravante para as mulheres que se encontram de algum modo vinculadas a esses espaços às margens.

Os recursos estilísticos presentes na obra de Carolina contribuem para essa percepção, na qual a presença da monstruosidade (NAZARIO, 2003), por exemplo, aparece na narrativa como uma construção da imagem desses homens desajustados ou ausentes de seus lares, que por sua vez, se encontram desarmônicos e explicitamente prejudiciais às personagens femininas e crianças.

Neste trabalho, menciona-se estilisticamente essa presença da monstruosidade na obra de Carolina, pois, nota-se a ideia de uma apoteose da civilização pela morte final da monstruosidade representada nas artes, como o gozo do espectador ao presenciar (assistir) o odiado vilão encontrar seu final trágico em uma obra cinematográfica ou teatral.

O não casamento e o ato de exercer a escrita seriam a própria elevação divina da narradora, configurando a morte da odiada figura do monstro nos cinemas, por exemplo, vivenciado esporadicamente pela sociedade em geral, se assemelham de tal modo em ambos os cenários como possibilidade de realização pessoal, assistida e experienciada pela literatura, respectivos aos exemplos citados. O homem parece-nos necessitar de algo para canalizar e atingir o clímax nas artes quanto a sua capacidade máxima de odiar, e ao se tratar da mulher construída pela narrativa de Carolina, essa resiste e se eleva em vida pela destruição metafórica de seus principais agentes opressores (monstros) elencados ao longo da narrativa: a masculinidade tóxica, as dificuldades da sobrevivência diária e acesso à cultura pelas populações socialmente desprivilegiadas, as políticas públicas, entre outros inúmeros fatores sociopolíticos.

A resistência das pessoas negras diante as desigualdades sociais, tema amplamente abordado e discutido pela crítica em análises do trabalho em geral de Carolina, e especialmente

¹ O debate a respeito das masculinidades tóxicas referenciadas nessa pesquisa recorre a um termo contemporâneo e distinto ao representado no texto pela escritora na década de sessenta. Deve ser lido com a perspectiva da pesquisa discutindo a narrativa literária, e não diretamente na voz de Carolina.

nessa primeira obra em questão, aparece no texto em variadas manifestações. A data histórica de 13 de maio é colocada em paralelo aos sofrimentos enfrentados enquanto mulher negra pela autora, e em temas de coletividade, a discussão de uma experiência contemporânea abrangente as lutas étnicas de classes sociais baixas: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual — a fome!” (JESUS, 2014, p. 29). Nesse entendimento, registrado em sua literatura, o ato de manter ativo o discurso politizado e que não esquece as explorações e violências sofridas pelas individualidades/coletivos escravizados no Brasil e sua importância em aspecto social e com influência de cunho pessoal para a autora, são ponderados por Silva (2007, p. 108):

As observações pessoais sobre os ex-escravos demonstram que a questão racial permaneceu como um tema vivo na memória de Carolina. As narrativas discriminações em relação à experimentadas situação pelos de infortúnio, negros recém miséria saídos e da escravidão, são relatadas em tom de testemunho, sugerindo que se tratava de uma realidade familiar que observara na infância.

Nesta leitura do político, percebe-se refletir o próprio entendimento espacial da autora quanto a São Paulo, elucidando a escolha de título da obra, que seriam os despejos de lixo na favela: “...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2014, p. 29-30). Em seguida, a narrativa retorna à fantasia pelos desejos da protagonista, não desvinculados de sua militância, e mesmo que se coloque diante uma paisagem descrita como morna ou de pouca intensidade, Carolina ambiciona tê-la como parte de si, mesmo através da vestimenta: “...A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.” (JESUS, 2014, p. 30).

Da mesma maneira, as discussões sobre racismo, ocorrido em nosso país ou os demais, aparece na narrativa, como exemplo do momento comparativo da exclusão ao negro com a própria ideia de exclusão ao natural, como se manifesta no referido sol: “Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza.” (JESUS, 2014, p. 117).

O espaço estabelecido em *Casa de Alvenaria* (1961) ocorre de diversas maneiras, como os comentários anteriores levantados na análise de *Quarto de Despejo* (2014), em conseqüente, resta comentar a temática religiosa de base para a narrativa. O processo de adaptação à nova residência é associado por vezes pela autora na relação mitológica céu-inferno, em conjunção mesclada à abordada fantasia comum aos contos clássicos infantis: “Estou lutando para ageitar-me dentro da casa de alvenaria. E não consigo. Minhas impressões na casa de alvenaria variam. Tem dia que estou no céu, tem dia que estou no inferno, tem dia que penso ser a Gata Borracheira.” (JESUS, 1961, p. 151).

A metáfora é elemento de construção literária na obra de Carolina, e aparece na narrativa de sua segunda obra, *Casa de Alvenaria* (1961), pela voz da narradora e pela fala de seus personagens, como o diálogo do filho, José Carlos, que explica ao irmão sobre como funciona o corpo da mãe e o respectivo órgão do coração, assim como a necessidade de um comportamento pessoal mais adequado para evitar os frequentes estresses maternos descritos pelo texto: “- João, você precisa comportar-se melhor para não deixar a mãe nervosa. Ela tem um coração e o coração é o relógio do corpo humano. Esse relógio pode parar um dia. É um relógio que não tem corda.” (JESUS, 1961, p. 69).

A revisitação aos contos de fadas e narrativas populares se apresenta na obra de modo reimaginado, com as referências às figuras conhecidas substituídas, reelaboradas e contextualizadas à vivência cotidiana da narradora. O primeiro aspecto que pode-se destacar é o imaginário do sujeito moderno que se pretende constituir a partir da propriedade privada, e a elaboração de uma narrativa do “eu” que coloca a si e sua família em segurança ao adquirir uma residência, assim como, faz uso da fantasia para elaborar a síntese de seu discurso. Nesse ponto de vista, ao se tratar da casa de alvenaria, título da obra em questão, a escritora Carolina elabora o papel social

atribuído ao imóvel e sua paralela concepção de felicidade: “... Depois que eu comprei a casa é que eu cheguei a conclusão que sou importante. Estou contente. Agora eu sou alguém e posso receber visitas.” (JESUS, 1961, p. 122).

O segundo ponto mencionado quanto ao tema, e introdução desse parágrafo, surge pela fantasia enquanto construção literária e menção ao imaginário de histórias populares ou infantis aos contos de fadas; essa se desdobra em, no mínimo, duas direções. A primeira é a elaboração do (não) belo, que ao se referir a um homem e sua aparência, em conformidade com o comportamento julgado inapropriado, a narradora caracteriza uma aproximação metamorfoseada ao imaginário infantil, como percebe-se: “Que homem feio. Parece um boneco de pau, o Pinocchio.” (JESUS, 1961, p. 141,142).

Neste sentido, é com o mesmo direcionamento temático da propriedade privada e novos padrões de vida que o enredo constrói, ao lado de outras menções aos ideais de ambientações religiosas cristãs. Se ocorria as dificuldades da pobreza e miséria atribuídas a um imaginário de infernal terrestre, nesse momento constitui-se não um paraíso de utopias concretizadas, mas, antes, esse entre-lugar (HANCIAU, 2005) do indivíduo que atinge a ascensão social, e não pertence aos que se colocam seletos na classe alta, tal vê-se esse debate em Santiago (1978, p. 22): “É preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida”; percebe-se essa discussão pelo diálogo a seguir entre Carolina e seu conhecido: “- Que salto você deu na vida! Você saiu do inferno e está no céu. - Engana-te. Eu estou no Purgatorio.” (JESUS, 1961, p. 132). O entendimento de entre e não-estar ou ocupar, por parte de Carolina e os dilemas enfrentados em vida é complementado por Toledo (2011, p. 154):

O texto biográfico de Carolina era, sem dúvidas, a sua relação com o seu íntimo, não havendo separação entre o “eu” e o “outro”, embora em muitos diários tenha discorrido com vozes distintas. A escritora em suas confissões foi constantemente dupla e, por isso, confusa na vida e na arte; tendo sido pessoa comum e representação.

Logo, é difícil definir o sujeito Carolina Maria de Jesus, por ter se representado tanto, e tendo mantido a sua autenticidade. Atuou na escrita e na vida, não tendo encontrado abrigo em nenhuma das instâncias; o que sobrou para ela foi o entre – lugar, o espaço obscuro do não-ser. Afinal, Carolina ficou não-sendo: não-sendo favelada e nem burguesa; não-sendo lixeira e nem escritora; não-sendo anônima e nem reconhecida. Seu nome encheu-se de referentes e permaneceu vazio de sentidos na história de nossa literatura.

A introdução ao termo entre-lugares no parágrafo acima deve ser compreendida de forma relacional às menções gerais quanto ao espaço na obra de Carolina, ao se tratar de um caráter descritivo e de pertença por parte de suas narradoras, e o lê-se da seguinte maneira:

O conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares. Marcado por múltiplas acepções, o entre-lugar é valorizado pelos realinhamentos globais e pelas turbulências ideológicas iniciadas nos anos oitenta do último século, quando a desmistificação dos imperialismos revela-se urgente (HANCIAU, 2005, p. 141).

Este direcionamento de um comentário a respeito do utópico na obra da autora, e a não se realizar pelas especificidades dentro do espaço da narrativa, pode-se ser evidenciado nesse debate sobre o entre-lugar ocupado pela mesma para com a sua obra e o vivido socialmente, assim como

um testemunho de seu ativismo (RAPOSO, 2015) subversivo evidente nas produções, então, cita-se esses apontamentos a partir de Andrade (2008, p. 42):

Uma utopia (*eu-topia*), na visão de Szachi (1972), surge do ato de um desacordo. Podemos enxergar uma *eutopia* em Carolina Maria de Jesus na própria construção de seu diário [...] O diário era, portanto, o seu espaço utópico, o seu “lugar de fala”, o seu “bom-lugar”. O lugar onde podia se expressar sem moldes.

Em seguida, com o decorrer da obra e em uma situação no teatro acompanhada pelo escritor Jorge Amado, a autora enfim se sente contemplada pela máxima espacialidade de elevação cristã, e surge um narrar de origens fabulosas: “A minha historia pode ser resumida assim: - Era uma vez uma preta que morava no inferno. Saiu do inferno e foi para o céu.” (JESUS, 1961, p. 171).

A dualidade entre o vivido e o que se pretende ser representado pelas artes surge na obra pela menção ao trabalho realizado pela atriz Ruth de Souza, responsável por levar para o palco do teatro a personagem baseada na escritora e seu primeiro livro, na peça de mesmo título Quarto de despejo (1961). Um ponto de divergência ressaltado por Carolina é sobre as possibilidades do atuar e as correspondentes dificuldades da rotina antecessora ao que serve de base para essa construção cênica: “Achei interessante quando a Ruth pegou o saco de catar papel e entrou no automovel. Eu disse-lhe: - Se catar papel fosse assim, dentro do automovel ouvindo radio, a vida seria um paraíso.” (JESUS, 1961, p. 158). A emotividade do observável pela experiência pessoal e seus desafios sociais é pontuada em comparativismo a performatividade diante um momento de fotografia: “Os favelados iam saindo dos barracos, descalços e sujos. A Ruth foi fotografada perto da torneira com uma lata dagua na cabeça. Ela não sentiu emoção. Eu senti. Olhando aquele fio dagua e a quantidade de habitantes. Que luta para encher uma lata!” (JESUS, 1961, p. 159).

A repetição aparece na ficcional Pedacos da fome (1963) como elemento de reforço à construção narrativa de uma felicidade, pois o sorriso não desponta apenas uma vez, mas é reforçado logo em seguida a sua simbólica aparição:

O Coronel, envaidecido com os elogios, sorria, e sorria, principalmente, quando sentado na sua cadeira de balanço, fumando um bom charuto, contemplava as pétalas das rosas e as folhas desprendidas espalhadas que o vento impelia de um lado para outro, deixando o ar impregnado do seu perfume (JESUS, 1963, p. 15).

A repetição dos três diálogos, sequências com finalidade enfática de uma busca por certezas e externalizações das subjetividades do personagem, reaparecem nessa obra, tal o coronel se dirige à esposa no aniversário de vinte anos de casamento. Nota-se a importância por se tratar de uma data comemorativa, pois na produção autobiográfica de Carolina os personagens não encontravam suas possibilidades financeiras de concretização das organizações festivas, como é exemplo dos relatos presentes em seus diários e analisados nesse trabalho, tal a impossibilidade de comprar um bolo de aniversário para a filha da narradora e protagonista. O ocorrido na ficção da autora é diferente, ao se estabelecer um notório rompimento com quaisquer impedimentos desse âmbito; assim como se altera a instância temática, principalmente ao não ver mais o aniversário dos filhos de uma mãe solteira ocupando as margens do cenário urbano, e passa, então, para a festividade de um matrimônio burguês duradouro.

Direciona-se, desse modo, a narrativa pelo que pertence unicamente ao sentimental dos amores e anseios dessa relação, deixando em segundo plano um discurso que pode ser lido, nessa obra em específico, enquanto elaboração de uma temática com caráter político e ideológico, mas que esse elemento não é tão diluído quanto se parece em uma primeira leitura, especialmente ao se ter como parâmetro as demais produções literárias da autora. Lê-se, por fim, a citação a seguir de um trecho do livro Pedacos da fome (1963), na qual se poderá notar o caráter do tema debatido nestes dois parágrafos e o elemento da repetição: “- Você ainda gosta de mim? - Você não aborreceu-se de minha companhia? - Ainda sente prazer de viver ao meu lado?” (JESUS, 1963, p. 16).

O imaginário de uma religiosidade cristã se manifesta pela narrativa, igualmente, na crença de uma premiação pós-vida pela manutenção dos relacionamentos no paraíso: “Eu ouvi dizer que lá no céu tem um queijo dêste tamanho. E que o casal que viver na terra sem arrufos, sem desfazer-se do lar, quando morrerem vão partir o queijo e dividir com seus descendentes.” (JESUS, 1963, p. 17). Em conformidade, a resposta da companheira, dona Virgínia Fagundes, realiza sua concordância e recorre novamente à natureza, e dessa vez, a narrativa traz em paralelo aos casais a junção do todo, pois as pétalas e folhas não mais aparecem independentes e conduzidas pelo vento: “Nós estamos envelhecendo e havemos de chegar na decrepitude sempre unidos iguais as pétalas de rosas”. (JESUS, 1963, p. 17).

A própria temática do amor romântico, nessa compreensão, aparece com menção ao natural que não o limita, especialmente o terrestre, e retorna a esse para descrever com paisagens as sensações: “O nosso amôr não se restringe a terra, medra como o espaço. Não arrefece. É quente como as lava de um vulcão” (JESUS, 1963, p. 18). Através de uma personagem, Raquel, que perde o filho, tem-se a intertextualidade bíblica com o mito da ressurreição de Lázaro, que nessa leitura, a mãe em luto faz menção para abordar discursivamente a sua própria dor:

- Oh! Meu Deus! Assim como ressuscitaste Lázaro ressuscita o meu filho. Era a única coisa de valor que eu tinha na vida. Minha bússola neste mar de misérias! Quando um filho morre, a mãe morre com êle. Filho é uma estaca que depois que nasce firma seus pais nesta vida. Deus deu-me apenas um filho. E agora arrebatou-o (JESUS, 1963, p. 129).

A ideia da habitação dos mais pobres enquanto “quarto de despejo”, tal o título da primeira publicação de Carolina, reaparece nessa obra. A segunda fase da experiência de Clara, na vida de casada e após fugir dos pais, abrigoando-se com Paulo no espaço cedido pela tia, é descrito com ponderamento crítico: “- Um quarto que não se pode usar nem para quarto de dêspejo. Se oferessese aquêle quartinho para as galinhas de papai tenho certeza que elas fariam greve em sinal de protesto”. (JESUS, 1963, p. 119). Se antes em *Quarto de Despejo* (2014) a favela era compreendida como o despejo da sociedade, tem-se na personagem ficcional de Clara a descrição de sua nova e humilde habitação com a respectiva desvalorização, pois nem para despejo humano serve, e até os animais domésticos representados pelas galinhas do pai se manifestariam em rebeldia contrária a essa ação.

A repetição é elemento presente na narrativa de Carolina, já discutido nessa análise, e na obra trabalhada aparece pela canção dos filhos de Clara ao se depararem com a mãe após um afastamento. Nota-se a metáfora da saudade surgir pela cantiga oral reforçando o sentimentalismo, em intensidade, do reencontro: “As crianças deram as mãos formando roda. Maria Clara estava no centro, o seu olhar circulava fixo no rosto de cada filho cantando: - A mãe voltou. Lê, lê, lê. - A mãe voltou. - A mãe voltou. Lê, lê, lê. - A mãe voltou.” (JESUS, 1963, p. 183).

O narrador do texto em terceira pessoa intervém opinativo em concordância aos dizeres dos demais personagens, em especial o casal e sua família protagonistas, seja com utilização de adjetivos, tal como pelo habitual preparo de um café, que ao se localizar o ato na comunidade em que os personagens passaram a residir ademais mudam-se as contextualizações: “Terminado o pobre café foram em busca dos filhos.” (JESUS, 1963, p. 182). O espaço da favela é relevante ao elemento discursivo, que em conformidade com as crianças, o narrador localiza e caracteriza qual o determinante na perspectiva geográfica abordada, como esse olhar realizado pelo “outro” social de fora à comunidade; em aspectos estruturais do texto, não ocorre uma preocupação por uma marca divisória entre o fim nas falas dos personagens e início da voz narrativa, pois o consenso se faz, e não uma contradição argumentativa: “- Eu tenho mêdo dêste lugar. As crianças fitavam aquêles barracões mal construidos, sujos e exalando mau cheiro.” (JESUS, 1963, p. 184).

A favela na época de escrita e contextualização da obra, os anos 60, e a prática rotineira da coleta de água, realizada sistematicamente ao nascer do sol, reaparecem como ambientação nessa terceira obra publicada da autora. Tem-se o personagem de Paulo que acaba de se mudar e desacostumado, ao contrário de Carolina, ainda que se oriente pela natureza, não deixa que essa o guie: o sol não mais adentra, mas penetra tardio em conformidade a fila reunida no caminho à

frente do personagem. Percebe-se uma luz natural que se infiltra e alerta, mas não desperta (assim como a consciência crítica dos personagens), seguida de forte crítica social e com a finalização de um novo apelo que a ficção traz à narrativa pelo argumento apelativo e suplicante do personagem em pedir para furar o sistema ali imposto; por tratar-se de um lugar descrito pela pobreza, essa família enquanto “outro” que chega não apenas não quer se reconhecer pertencente ao grupo, mas se fazem distintos no infringir das regras:

No outro dia quando os raios solares já havia penetrado pelas frestas clareando o barracão no interior, Paulo deixou o leito e foi buscar água. Ficou horrorizado com a fila de latas e compreendeu que em qualquer direção que o pobre inclinasse encontra dificuldades. Suplicou com infinita delicadesa um pouco de água para preparar o café para a sua espôsa (JESUS, 1963, p. 182).

O desejo de ser escritora aparece ao final da obra, e dessa vez, não mais como uma constância que se estende pela narrativa, como nos textos autobiográficos de Carolina, mas de modo singelo pelo personagem do coronel Fagundes, que em diálogo com o motorista e o inspetor que lhe auxiliaram na busca pela filha, encerra a narrativa com sua fala de que pretende encontrar na escrita um modo de narrar as aventuras que teve; essas correspondentes ao tempo narrativo que a obra analisada apresenta: “- E o senhor vai descansar alguns alguns tempos? - Sim. E mais tarde vou escrever uns livros. Pelo que ví e passei neste últimos anos tenho muito o que contar. - Ficaremos então aguardando o seu regresso como escritor. - Adeus coronel.” (JESUS, 1963, p. 217).

Neste encerramento, após Clara reencontrar o afeto e proteção de seu pai, nota-se o que a escassez nessa obra significa para a protagonista, e assim pode-se criar um diálogo direto com a própria narradora, e nessa discussão Miranda (2013, p. 114-116) conclui:

A experiência da pobreza funciona como redenção da moça rica por um lado e como catarse da narradora por outro. [...] Ao decair socialmente a protagonista revê os seus valores e preconceitos sociais e perde a petulância, tornando-se generosa, humilde e, principalmente, sujeito de suas ações. [...] De posse das ações da personagem, a narradora pode reelaborar a experiência da própria autora: dar sentido ao destino de restrições vivenciado na metrópole, que dera à Carolina a chance de ser dona do próprio enredo, fora do âmbito das chancelas familiares e sociais que molduravam o quadro coletivo das pequenas cidades por onde passou.

Na narrativa de *Provérbios* (1963), vê-se a distinção antes mencionada sobre a necessidade de percepção do debate e direcionamento contrário ao enaltecimento cultural das classes tidas como altas ou socialmente dominantes: “Quem bajula um tolo rico, é um imbecil.” (JESUS, 1963, p. 9). O ato de reflexão proposto se faz pelo uso do discurso religioso, tido como espiritual cristão, e a apresentação é colocada como debate e não consolidação das certezas já impostas historicamente: “Não devemos dizer amém, aos atos indecorosos” (JESUS, 1963, p. 10).

A repetição aparece em todo o decorrer da obra, e tal característica se faz nesse aspecto, para enumerar e dar relevância às proposições elencadas, tais o mencionado debate das classes sociais em comparativismo explícito aos questionamentos educacionais e de senso de sabedoria popular: “Os cultos preza o sábio. Os tolos os que tem fortunas, embora sendo parvos. O homem que procura instruir-se, está armazenando a sua maior fortuna.” (JESUS, 1963, p. 10). As declarações similares irão apresentar o discurso de que o ideal de fortuna não se realiza em paralelo ao da instrução especializada ou pessoal, e a distinção com a ação que se realiza pela prática: “O homem não tem valôr pela fortuna que possui, mas: pelas ações que pratica. [...] O homem que prevalece da sua condição financeira, para se engrandecer aos olhos da turba, não é um homem: é um verme” (JESUS, 1963, p. 11).

Ao se direcionar para um encerramento do texto, a mão enquanto metáfora das desigualdades sociais e simbolismo do pensamento cristão faz um recorte destro do corpo humano,

em que o membro direito representa o lado destacado nas narrativas bíblicas para ser o escolhido para estar próximo de Deus, tal Jesus que ressuscitaria e se sentaria ao lado direito de seu Pai, e nesse texto representa o sujeito de classe alta, com recursos financeiros e respectiva falta de posicionamento e atuação nas desigualdades sociais; no habitual jogo de oposições da obra, tem-se a mão esquerda como sinônimo representacional da parcela oprimida e colocada às margens da sociedade, comumente presentes em debates políticos em oposição à direita conservadora e percebe-se a voz popular atribuída aos partidos de esquerda:

A mão direita é a mão, superior do corpo humano.
É inculta e arrogante e orgulhosa, vaidosa porque é rica.
Empunha espadas e pistolas eliminando seus semelhantes.
Quê re ser a dona do mundo. Ela é quem aperta a mão dos Reis.
O seu maior desgosto é ser semelhante a mão esquerda que ela classifica de favelada por não ter agilidade.
A mão esquerda é a prima pobre que deve obedecer a mão direita.
E a mão esquerda é revoltada (JESUS, 1963, p. 11).

O debate da figura religiosa do cristão na sociedade se inicia pelo posicionamento da figura de Deus, em que percebe-se a indicação de uma capacidade crítica assinalada como predestinação divina, tal a construção da imagem de Carolina na obra como escritora, que é narrada como destino desde sua infância, e o próprio divino instrui, em separação a dualidade religiosa de bem e mal: “Deus não aprecia os maus. Dá sabedoria aos humildes.” (JESUS, 1963, p. 12). A construção e asserção de uma dualidade dessas forças opostas estão vigentes nos provérbios e reaparecem com o mencionado sentido religioso: “Os maus são preteridos, os bons preferidos.” (JESUS, 1963, p. 25).

As ações festivas, performáticas e lúdicas estão presentes ao longo das obras, ao qual pode-se notar o provérbio que justamente alega a percepção da vida enquanto possibilidade de encenação: “O mundo é um teatro onde nós representamos as nossas cenas para Deus que nos classificará no Juízo Final.” (JESUS, 1963, p. 12). A imagem de Jesus, enquanto elemento questionador, é comumente posicionada, tal o debate de uma pobreza que não deve ser escolhida e aparece na publicação de seu livro seguinte, *Diário de Bitita* (2007), e vê-se na análise a seguir, que coloca em paralelo os textos sagrados e sua vivência pessoal. Em *Provérbios* (1963), percebe-se uma contraposição em que a pobreza é vista com positividade distinta aos discursos vazios de uma riqueza dominante e opressiva: “Vive-se melhor sendo pobre do que sendo rico. Talvez seja por isso que Jesus Cristo preferiu ser pobre.” (JESUS, 1963, p. 12). As transformações do sujeito ao longo de sua existência seguem esse panorama apresentado, e percebe-se menções clássicas as figuras do cristianismo para representar o papel de vida e morte: “Existe os homens que nascem semelhante aos anjos, e morrem semelhante ao demônio.” (JESUS, 1963, p. 18).

O âmbito financeiro e capitalista global, que perdura no mundo, aparece no texto e atualiza suas discussões, visto que tem-se a abordagem religiosa para justificar uma oposição às práticas modernas de abuso que se estendem na atualidade, por exemplo, aos recursos naturais e do povo em condições precárias de trabalhos semelhante a escravidão: “Enquanto o homem dar mais valor ao dinheiro do que ao próprio homem, o mundo em vez dele avançar regride-se.” (JESUS, 1963, p. 13). Nessa concepção, tem-se a reflexão detalhada da exploração aos recursos naturais, as delimitações de espaços privados e de valor comercial:

O que pertence a Deus é dos homens. O que é dos homens é vendido ex.: O ar que respiramos pertence a Deus. Nós respiramos o ar gratuitamente. A terra que pisamos. A casa que o homem constroi, o automóvel, são vendidos. Eis aí o comprovante, que Deus é superior aos homens. Se o homem pudesse vender o sol, venderia o seu calor (JESUS, 1963, p. 13).

A animalização em *Provérbios* (1963) é utilizada como o delinear de uma humanidade colocada em questão, diante das atitudes que são julgadas por um posicionamento ponderador e reflexivo, visto que os animais não racionais são idealizados no patamar de exemplo a ser seguido

ou referencial crítico de potência, seja essa positiva ou negativa que fere ao homem: “A única coisa que não fere a nossa sensibilidade, são os animais, porque o homem foi vacinado com o veneno da cobra.” (JESUS, 1963, p. 24); tal pode-se notar por uma recorrência na figura rastejante como entendimento e exemplificação primordial dessa força destrutiva, que muitas vezes representa a falácia e invenções verbalizadas pelo homem e destacadas como maldade, principalmente centralizadas em uma associação da parte do corpo humano pela língua com o veneno do animal utilizado como defesa pessoal: “Existem pessoas mais venenosas do que a cobra” (JESUS, 1963, p. 41).

A elaboração do animal se realiza pelas referências bíblicas, possivelmente sendo realizado o destaque pelo fato de a cobra ser associada à ideia de pecado original e destaca-se a menção a Jesus como exemplo elencado e sua respectiva oposição: “O homem que imita Cristo na bondade, tem muito mais valor do que aquele que imita a cobra na maldade. (JESUS, 1963, p. 53); essa proximidade se realiza não apenas pela figura da serpente, tão próxima ao ideal de culpa cristã, mas a comparação do homem se atualiza para com o felino: “Existem os homens descendentes dos gatos. Quando quer agradar oculta as garras” (JESUS, 1963, p. 14).

O aspecto educacional especializado surge uniformemente como referencial do contexto dos animais, como o tratar ao outro, e a comparação se efetiva pela exemplificação do cavalo e o conhecimento generalizado de sua potência em dar coices, sendo esse sinônimo de tradução para a citação a seguir como um processo de pouca sensibilidade no mencionado tratamento ao coletivo: “Existem pessoas que estudam. Em vez de receber um diploma deveriam receber uma ferradura.” (JESUS, 1963, p. 14). O ato da mentira é redirecionado ao contexto animal e as teias da aranha são sinônimos de um emaranhar pela não-verdade: “O mentiroso é igual a aranha, confeccionando a sua teia.” (JESUS, 1963, p. 15); assim como a utilização de asas para referenciar uma não possibilidade de potência do mundo natural, em que aves com asas frágeis não alçam voos prósperos e capazes de lhe garantir as necessidades de existência pertinentes ao prolongamento da espécie: “A mentira tem asas fráglil. Não pode competir com a verdade” (JESUS, 1963, p. 15).

A temática do assassinato e roubo de seus iguais, tal uma síntese aos dez mandamentos bíblicos que compõem a moral católica, em que o 5º é “Não matarás (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo)” (ÊXODO 20:3-17) e o 7º “Não furtarás (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo) (ÊXODO 20:3-17), nesse momento se atualizam com a junção e comparação aos insetos: “O homem que mata o semelhante para roubar, é mais sujo do que as moscas” (JESUS, 1963, p. 21). A crítica ao contexto político e figuras em posições de poder são feitas de modo a relacionar o animal ao homem: “Um imbecil dirigindo um cargo insensatamente é igual um asno no trono” (JESUS, 1963, p. 23).

A associação ao animal aparece com visão de denúncia ao homem que abusa, e um desdobramento relacionado à figura que sintetiza o mal para o cristianismo como possibilidade de debate e repulsa à pedofilia, em que o abusador seria o próprio resultado de um nascimento do que se considera por mais maligno e incorreto: “Quando o homem transforma-se em tarado, êle deixou de ser homem. É animal. Um tarado que prevalece de uma criança é filho do diabo.” (JESUS, 1963, p. 34).

O amor enquanto temática na obra surge primeiro em paralelo ao matrimônio e sua oposição habitual às discussões de cunho financeiro e lucros como ascensão de classe social: “Quando o homem casa, visando lucro, é um candidato ao fracasso porque o alicerce do casamento é o amor.” (JESUS, 1963, p. 15). O tema da amizade surge próximo ao debate do relacionamento amoroso, e se faz pela repetição de palavras para evidenciar o cunho argumentativo dos provérbios, assim como a corriqueira proximidade da natureza, que por fim parecem criticar negativamente as relações em um enquadramento amplo, em especial, as quais visam o aspecto unicamente financeiro como vantagem de aproximação e estabelecimento de laços íntimos: “As amigas visando lucro é haste sem flôr.” (JESUS, 1963, p. 19). A figura feminina aparece inicialmente associada nesse debate sobre o amor percebido como o ideal da maternidade, rebaixando para um segundo plano as relações de cunho amoroso, e por associação na produção de Carolina, o papel do homem enquanto manifestação das paixões: “A única coisa que a mulher sabe amar com ardor é o filho.” (JESUS, 1963, p. 37).

O debate étnico surge com forte teor religioso e marcas de uma ponderação ampla sobre

a estrutura da sociedade e tem-se uma menção à criação do mundo em uma compreensão cristã: “Deus na sua sapiência criou tôdas as raças e povoou o mundo. Mas o homem, êste Deus de barro que há de voltar ao pó, criou o preconceito” (JESUS, 1963, p. 17); em seguida, acompanha-se um posicionamento evidente de não se pretender neutro, e declara suas percepções sobre os indivíduos racistas: “O homem que cultiva o ódio racial é um imbecil” (JESUS, 1963, p. 18). As ações e ponderações de atitudes de uma figura sábia são elevadas ao patamar de destaque e principal combate às práticas de preconceito: “O sábio não discrimina a côr. Mas as ações. O preconceito racial é próprio dos medíocres” (JESUS, 1963, p. 24).

A figura política de Kennedy é associada ao debate sobre racismo e aparece logo em seguida de uma ponderação sobre a bondade de Cristo e suas possibilidades de ações positivas que devem ser seguidas, assim como um registro de resistência às tentativas de ataque à luta antirracista: “O valôr do presidente Kennedy, foi não ser racista. Não podemos perseguir o que não podemos destruir. Não é possível destruir raças.” (JESUS, 1963, p. 53).

O debate político aparece com teor pessimista em contexto do assassinato de Kennedy nos EUA, em que percebe-se o tom de lamento e um emparelhar, finalmente, ao protagonista sol, que como mencionado, já não mais se apresenta pelo habitual “astro rei”: “Kennedy, era o sol dos Estados Unidos. O sol se apagou. Um homem que era digno de viver séculos e séculos.” (JESUS, 1963, p. 39). O sol é justamente a metáfora de honestidade presente nos provérbios, e o astro ganha movimento para representar a percepção de linearidade e potência do caráter humano: “O homem honesto, é igual ao sol, segue a linha reta” (JESUS, 1963, p. 46).

O inconformismo do sujeito moderno que não se adapta bem aos novos tempos, debate tão pertinente ao ato de filosofar, se materializa da mesma forma pela relação com os elementos do natural: “Os tipos insatisfeitos é igual a brisa: ‘circulando sempre.’” (JESUS, 1963, p. 43). Se está-se em um constante comparativismo enquanto humanidade, tal a botânica que necessita ajuda para se desenvolver: “O carinho é o adubo do coração” (JESUS, 1963, p. 43), é efetivamente pelo natural que se estende e retorna as críticas às atitudes sociais de desigualdade e privação de tudo o que é rentável, por vezes restando para muitos apenas o que de fato não é produto comercial: “Atualmente, a única coisa que o homem consegue em abundância para encher o seu interior, é o ar fornecido pela natureza que não visa enriquecer-se” (JESUS, 1963, p. 46).

O nivelamento e oposição entre natural e ações humanas, por fim, serão percebidas como elemento de recorrência e destaque que unem toda a estrutura argumentativa da obra: “A lei da natureza nos beneficia, enviando a chuva, e o frio na época oportuna. Só a lei dos homens nos esmaga como um rolo compressor” (JESUS, 1963, p. 52).

A própria imagem do maior representante do cristianismo é relacionado ao debate étnico, com a possibilidade de menção ao processo de escravatura no Brasil, e principalmente a discussão de privatização e monetização de tudo aquilo o que pode ser rentável e, infelizmente, as ações historicamente incluíram e atualmente o fazem abrangendo o tráfico de pessoas: “Cristo não foi escravo, mais foi vendido” (JESUS, 1963, p. 54).

O debate educacional sempre se faz presente e as atitudes do homem branco, vistas de um parâmetro que ressalta e denuncia os abusos, destaca a importância da instrumentalização de si e busca de conhecimento constante e formação como resposta aos próprios preconceitos, que são prejudiciais a todos e por vezes até transcendententes às etnias: “Quando o branco é inculto, até o branco sofre com êle” (JESUS, 1963, p. 54).

A monstruosidade do “outro” é marcada pela figura do homem e associada às guerras e a discussão inclui a construção das figuras sacras e de seus santos para o contexto cristão, ambos apresentados como opostos e parâmetros do que ser e como não agir, pretendendo servir de referenciais ao comportamento: “Os homens que fazem guerras ficam na história denominados monstros; os que praticam o bem, ficam na história denominados de Santos” (JESUS, 1963, p. 19). A compartimentalização da figura humana ocorre nesse processo de criação do monstro (NAZARIO, 2003), amplamente mencionado nesse trabalho, e percebe-se o destaque justamente na potência argumentativa e de construções das narrativas verbais pela língua, que parece central nos debates de atitudes com valor de julgamento propostos: “O único membro humano que Deus deve ter desgosto de ter criado no homem é a língua” (JESUS, 1963, p. 50).

As figuras cristãs de Jesus em oposição a Judas surgem como elementos de contraposição,

e representação inclusive de uma atual crítica ao capitalismo global: “Cristo foi ministro de Deus. Judas ministro do dinheiro. O juiz que julgou Judas foi o remorso” (JESUS, 1963, p. 27); se a pretensão dos provérbios é orientar o leitor em ações práticas, ressalta-se o referencial constante a Judas, e sua associação tal a religião apresenta até a contemporaneidade, de relação à traição e dinheiro, com uma conclusão moral de infelicidade: “Os que dão mais valôr ao dinheiro do que as amizades terminam seus dias na solidão igual o Judas na figueira” (JESUS, 1963, p. 31); o ideal se apresenta enquanto totalidade, pois se a percepção de religião ao cristianismo reconhece apenas um único Deus enquanto verdade absoluta, o seu oposto se manifesta pela inverdade e suas possibilidades de multiplicidade, enquanto crítica à estrutura social em vigor e suas desigualdades: “Cristo foi um só. Judas multiplicaram” (JESUS, 1963, p. 34); por fim, tem-se uma lista de dados que associam a letra “j” à infelicidade e superstição, “Creio que os astros não protegem os homens, cujos nomes inicia-se com a letra ‘j’.” (JESUS, 1963, p. 59), à medida que serve de aproximação entre os debates políticos e religiosos: “João Batista foi decapitado. Jesus Cristo foi crucificado. John Kennedy foi assassinado. Jânio Quadros renunciou. Judas Iscariotes enforcou-se. José Joaquim da Silva Xavier (Tiradentes) foi enforcado. João Goulart foi depôsto. Juscelino Kubitschek perdeu o seu mandato político.” (JESUS, 1963, p. 59).

A rima é elemento usado para a construção de um verso poético nessa menção à letra “j” e uma reafirmação do sofrimento de Jesus e atualização de debate aos conflitos atuais e extrema violência: “A letra ‘j’ escreve: O nome de Jesus. Desejou o bem da humanidade. E morreu na cruz ...” (JESUS, 1963, p. 56). As ideias sempre cíclicas irão apresentar o debate político especialmente pelo enaltecimento da figura de Kennedy, e ao fim da obra apresentá-lo novamente diante a expressão de seu pensamento e desejo cristãos de ressurreição, semelhante a história narrada de Jesus, em tom melancólico de perda tão pertinente ao contexto vivido: “Se eu pudesse ressucitar o Kennedy.” (JESUS, 1963, p. 44), e que se faz em paralelismo ao debate educacional, ponderando a relevância da educação como ação e não a violência: “As canetas e os lápis dos tolos são os revólveres”. (JESUS, 1963, p. 45).

A potência de anotar os nomes para deixar um registro como forma de trazer a humanidade e subjetivação de seus conhecidos retorna em Diário de Bitita (2007), a quinta publicação de Carolina e pode ser percebida nos seus dois primeiros diários autobiográficos: o de estreia, Quarto de Despejo (2014), com notável marcação das identidades e, quando não o fazia, como é exemplo do pai de sua filha que pediu para não ter o nome completo revelado, a narradora problematiza e destaca essa ausência; a segunda produção, Casa de Alvenaria (1961), diminui o ritmo das anotações com cunho identificatório, dessa vez com abreviações das letras iniciais e a justificativa que não mais falava principalmente de seus vizinhos na comunidade de Canindé-SP, mas da tida classe alta de São Paulo e desses o temor da represália pelo dinheiro era maior.

Nesta publicação em análise, ao realizar uma crítica aos padrões e seus herdeiros que abusavam das filhas das empregadas domésticas, Carolina se utiliza da rima para denunciar a abrangência rotineira dos casos, que refletem tanto um passado histórico de violência quanto nossa contemporaneidade e, principalmente, indicar que esses acontecimentos não foram fatos isolados, pois esses homens e seus nomes por vezes representaram a(s) identidade(s) (HALL, 2006) do pensamento de uma determinada classe social que diretamente afeta o corpo e psicológico das mulheres: “Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mar.” (JESUS, 2007, p. 40); em outro ângulo, ao tratar de um retorno à infância, temática introdutória do livro, a autora encontra espaço de conforto na memória para livremente nomear quem são os seus familiares, inclusive, a possibilidade daqueles que não pode conhecer:

Ouvia as velhas dizerem que as crianças têm que obedecer os pais e respeitá-los. Um dia, ouvi de minha mãe que meu pai era de Araxá, e seu nome era João Cândido Veloso. E o nome de minha avó era Joana Veloso. Que meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas. Quando ela lavava sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair. Cheguei a conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer

do tempo vamos tomando conhecimento de tudo (JESUS, 2007, p. 8).

O parágrafo anterior introduziu o uso do termo identidade(s) ao debate analítico sobre as questões demarcadas e denunciadas por Carolina em sua narrativa. É relevante ressaltar que a partir de Hall (2006), entende-se essas identidades em um espaço de conflito entre o singular e as pluralidades, a hegemonia e a heterogenia discursivas, especialmente essa segunda, em que teoricamente se trata não mais de uma tentativa de padronização, visto que: “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13), mas por vezes, a imposição de um singular ou intransitável foi o raciocínio de classes tidas ou autointituladas como dominantes, seja por quaisquer situações de ascensão financeira e/ou social, assim como seus respectivos parceiros de ideologias, os extremistas independentemente de não pertencerem às elites que pratica/ra/m esses abusos; se caracteriza-se tais ações criminosas exercidas em nossa sociedade contemporânea, ao menos não mais o deveria assim ocorrer, principalmente ao perceber que o sujeito pós-moderno já não vem sendo lido dessa maneira nas últimas décadas, mas ao perpetuar insistentemente a negação e naturalização de valores moldados pelo patriarcado, com seus violentos desdobramentos que seguem em alta nos mais variados debates atuais.

Ao se tratar especificamente de uma contradição aos valores identitários, que se propõem hegemônicos e radicalmente conclusivos enquanto comunidade e, muitas vezes, acompanhados de uma centralização do “eu” acima dos direitos de terceiros, precisa-se contrapor justamente o que foi entendido como identidade de uma classe, como a dos mencionados patrões e seus filhos na década de 60, por exemplo, ano de publicação do primeiro diário de Carolina; desse modo, compreende-se que nossos processos de identificação, ou a identidade, : “É definida historicamente, e não biologicamente.” (HALL, 2006, p. 13). Por isso, essa discussão de aspectos culturais torna-se relevante para um maior entendimento de nossa produção cultural, em que o relato a respeito desses abusadores, e seus pontuais (e abrangentes) nomes, condiz com o que está dentro da narrativa literária em questão e retrata o mundo em que essa escritora ficcional e autobiográfica vivenciou, assim como encontrará o leitor em uma busca atenta ao seu redor.

Por fim, o autor Hall (2006) alega quanto ao termo em uso: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (HALL, 2006, p. 13). Percebe-se justamente a necessidade de ressaltar esse posicionamento, em diálogo a amplitude dos debates de uma tentativa de identificação sociocultural, em que de acordo com o autor: “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas é porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmo ou uma confortadora ‘narrativa do eu.’” (HALL, 2006, p. 13). Dessa maneira, a tida identidade na narrativa da autora pode ser entendida da seguinte maneira: “Na figura de Carolina se pode ver a fluidez característica da identidade de qualquer indivíduo, a mobilidade característica do processo identitário e também a importância do processo dialético nessa dinâmica que constitui o ser humano.” (SANTOS, 2015, p. 48).

Conclusão

Nesse momento de encerramento, cabe o comentário de que foi percebido uma tentativa argumentativa de relacionar o trabalho da escritora em discussão, Carolina Maria de Jesus, com o sentido transcendente às individualidades cotidianas, e pela obra, de fato, parece ao sujeito ser capaz de alcançá-lo. A vida e o texto, em seus espaços entre si de concordâncias e distanciamentos, revela-se múltiplos, amplos e ambíguos – tal a própria existência e o fazer-se artístico.

As obras poéticas estudadas revelam uma riqueza sensível dessas escritas, e o quanto a literatura afro-brasileira e contemporânea está muito presente no Brasil. Construções ficcionais e autobiográficas, expressivas em suas imagens e metáforas distribuídas ao longo das obras, têm suscitado as possibilidades dos temas selecionados para esse estudo.

Em suma, os espaços dentro e fora dos contextos representados apresentam um amplo diálogo com as teorias e temáticas relatadas, e Carolina apresenta, na prática, uma possibilidade de expansão para seus cenários vividos e/ou narrados: a cidade, o rural (a fazenda, a comunidade

Canindé) e todas as margens que se cruzaram e se impuseram em sua trajetória. Este corpo que vive, conta e é contado (re)apresenta e emerge centrado na sua própria história.

A autobiografia, nesta perspectiva, e a ficção analisada são construídas na fugacidade de papéis socialmente impostos para reelaboração, mapeando novos lugares e percepção das religiosidades e festividades por meio de uma (auto)percepção subjetiva e histórica, com a possibilidade de se situar no mundo de dentro e ao redor e na própria cultura como trabalho.

As vozes desses textos, por seus vastos e diversificados personagens, evidenciaram-se capazes de ir além de suas intimidades/individualidades e se tornarem porta-vozes de uma comunidade, contexto e temas contemporâneos.

A construção parece ser um diálogo direto com a leitura pessoal formativa, o contexto religioso, especialmente pela influência cristã discutida, e cultural, bem como as outras imagens e saberes da época de publicação, anos sessenta. Vale dizer que o “eu” enquanto corpo e consciência desse ser se repete, e é por meio da repetição que os sentidos se fixam, aprendem e resistem em seus registros de desejos presentes ao longo dos textos.

As interjeições, ambiguidades e metamorfoses atualizadas pela fala transcenderam as representações selecionadas, atingindo toda reflexão em sua poética por meio dos elementos que poderiam ser construídos em sua inação.

A obra de Carolina foi lida nesta pesquisa como seu caráter transgressor, contribuindo e destacando seu impacto social, da mesma forma como o que se pensa desta pesquisa no contexto atual. Os textos da autora constituem um (novo) cânone, diversidade e escrita, de modo a (re)lembrar seu leitor a respeito de tópicos confluentes e que foram abordados: o corpo, a festa, a devoção e as religiosidades.

Referências

ANDRADE, L. P. **O diário como utopia**: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. Dissertação (Mestrado). Três Lagoas (MS): Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, 2008.

ÊXODO 20:3-17 In: **A Bíblia**. Trad: João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross, 2008.

FERREIRA, A. C. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira**: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG - Programa de Pós-Graduação em Letras – Pós-Lit., 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANCIAU, N. J. **O entre-lugar**. In: FIGUEIREDO, E. Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005, p. 215-141.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, C. M. **Casa de Alvenaria**: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda, 1961.

JESUS, C. M. **Pedaços da Fome**. São Paulo: Editôra Aquila Ltda, 1963.

JESUS, C. M. **Provérbios**. São Paulo: Edição Popular, 1963.

JESUS, C. M. **Diário de Bitita**. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.

MIRANDA, F. R. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus**: experiência marginal e construção estética. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, p. 160, 2013.

NAZARIO, L. **Da natureza dos monstros**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

RAPOSO, P. **“Artivismo”**: articulando dissidências, criando insurgências. Salvador: Cadernos de Arte e Antropologia, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015.

SANTIAGO, S. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. In: SANTIAGO, S. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. p. 11-28.

SANTOS, L. G. A. **Carolina Maria de Jesus**: análise identitária em Quarto de Despejo - diário de uma favelada. Dissertação (Mestrado). Catalão (GO): Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem - UFG Regional Catalão, 2015.

SILVA, J. C. G. **Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977)**. São Paulo: Ponto-e-Vírgula, 2: 97-112, 2007.

TOLEDO, C. V. S. **O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus**: a célebre desconhecida na literatura brasileira. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 2011.

VALÉRIO, A. C. F. **A poesia de Carolina Maria de Jesus**: um estudo de seu projeto estético, de suas temáticas e de sua natureza quilombola. Tese (Doutorado). Londrina: PPGL-UEL, 2020.

Recebido em 10 de março de 2022.
Aceito em 20 de setembro de 2022.